



ROFF

Num. 16

RENOVAÇÃO

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: Santos Arranha * Editor: Alexandre de Assis * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107
Redacção e Administração: Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa Telephone: Trindade 5 3 9

SUMARIO do numero anterior:

VERA ZASSOULICH, *Rocha Martins* — OS ARTISTAS E O POVO: A democratização da arte; Exposições nas praças públicas (com gravuras) — O PASTOR E O SEU REBANHO, por *Nogueira de Brito* (com gravuras) — AS SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL: Os utensilios da feitiçaria, por *Ladislau Batalha* (com ilustrações) — A PROSTITUIÇÃO DO BEIJO (com gravuras) — O MONUMENTO A CERVANTES (com gravura) — HOMENS E FACTOS: Alfredo Naquet, por N. de B. (com retrato) — O CAMINHANTE E A SUA CARGA, conto de *Eduardo Frias*, com desenho de *Roberto Nobre* — O MUNDO CURIOSO — ACTUALIDADES: A morte de Lenine; Liga Pró-Moral; Capitão Jacques Sadoul; O Congresso dos Mutilados de Guerra; Arte moderna espanhola. CAPA: Margem do Almonda, proximo de Torres Novas.

Ano I — Numero 16

Lisboa, 15 de Fevereiro de 1926

Renovação

UM REVOLTADO DE GÊNIO

O CAMARADA COURBET

«Acusado Courbet, levante-se. Quando entrou para a Comuna?»

Era nos tribunais militares de Versaillies em 14 de agosto de 1871.

Fazia calor; os oficiais do juri dormitavam; o presidente, encostado à mão, olhava o réu que se erguia do seu banco, do meio dos outros cúmplices, dos considerados chefes comunistas. O capitão Gaveau — um nome que ficou célebre na acusação dessa época — fixava muito o homem que respondia simplesmente ao coronel Merlin do 1.º regimento de engenharia:

— «Em 26 de abril.»

Preguntava-lhe, então, porque tomara semelhante decisão e no mesmo tom de voz, da mesma forma sintética, Courbet volvia:

— «Fui para a Comuna pacificar. Para cumprir esse dever carecia de autoridade. Por isso aceitei os cargos que me deram.»

Não havia maneira de acreditar o acusado, corpulento, de grande barba e cabeleira a grisalhar, o ventre resaido, a aparência forte dum camponês em cujos olhos brilhava a luz de inteligência viva, aquelas scentelhas que fulguram nos olhares dos artistas e lhes geraram, talvez, o nome de «iluminados».

Não era um qualquer indivíduo aquele comunista que vira Paris rebelado e ajudara à revolução num lugar de destaque, como membro da Comuna e comissário geral das Belas Artes.

Tornava-se impossível atribuir à sua pouca idade o passo que dera, à sua falta de cultura as determinações tomadas, ao seu desejo de honrarias o papel que desempenhara.

Gustavo Courbet tinha 52 anos; era um pintor célebre e ganhava muito dinheiro. Porque entrara, então, na Comuna? Porque as suas lembranças, e decerto os antepassados cultivadores, animais de sofrimento pelas exploração, o ligavam às reivindicações dos miseráveis, dos pobres, dos humildados.

Nascera em Oruans, perto de Vevey, na região adusta, fronteira da Suíça; era um colosso que amava as cousas belas, e, como se os avós mortos o puxassem para as suas tendências, vivia à maneira dos camponeses, com seus hábitos e vícios, porém pintava à semelhança dos artistas da Renascença, sómente obras primas.

A sua arte, todavia, era doutras aspirações e moldes; nem santas em extásis nem Virgens dolorosas, mas boas faces de aldeãos, expressivas, bem marcadas, reais, egoístas ou ternas, flagrantes como no seu quadro do *Enterro em Oruans* no qual ha tanta verdade que se pasma ante as expressões dos personagens nas quais se revelam pensamentos.



O pintor Courbet

Os Britadores de Pedra, epopeia do sofrimento, marcaram a chefia da escola da pintura realista para o grande pintor, mas para o revolucionário são a síntese da sua generosa rebeldia. Pintando aquela gente, suando de sol a sol, agarrada à ferramenta, lidando pelo seu pão, era um rebelde, porque na obra dos verdadeiros artistas as suas intenções ressaltam embora as desejejem ocultar. Um revoltado hade dar sempre sinal da sua revolta assim como um vulcão rugir e rebenta suas catadupas de lava. Nas próprias paisagens que coloria sentia-se todo o vigor dum sangue do povo conquistando uma realeza na sua profissão. Fóra disso era populaceiro, vulgar, mas amigo dos pobres, capaz de tôdas as aventuras pela sua arte e pelo seu sonho. E' impossível saber se foi a arte que o tornou revolucionário ou se a revolta que em si vivia gerou aqueles quadros de rebelião contra as fórmulas consagradas.

A luz viva de seus olhos revelava o gênio; Courbet era na realidade, um genial pintor, sentado no banco vasto dos reus, diante do tribunal militar que julgava os comunistas.

Alguns dos acusados nasciam, agora, para uma celebridade efêmera, a dos políticos. Ele levava já consigo a glória dos artistas acrescentada por seu gesto revolucionário.

Outro nome glorioso figurava entre os dos cúmplices dos homens de 18 de março: Henri Rochefort, o pamphletário, que Vitor Hugo chamava o «gaiato sublime»; o aristocrata, misturado com o povo, ao qual as duquezas tratavam por o primo de Luçay. Aparentado com os Rohan, vingava nos reis a derrota do seu antepassado cardeal, tão apaixonado por Maria Antonieta.

Aqueles dois homens, um da alta nobreza, outro da baixa plebe eram, por sua vez, príncipes pelo talento.

Porém o tribunal militar não queria saber do gênio de Courbet. Apenas, como os gaviões, só via a presa viva, palpitante, não distinguindo um faisão do mais vulgar galito.

A sociedade, novamente instalada nos seus palácios, Bancos, fortalezas e privilégios queria vingança para o terror sofrido pelos generais que imaginaram chegado o seu fim, pelos financeiros que esperavam a ruína, pelos ricos que sentiram o fetido hálito da miséria, pelas mulheres da alta aristocracia, da alta burguesia, da alta cocteria que deliquesciam ante a subvenção anunciada. Preferiam aos comunistas franceses os rudes oficiais alemães de uniformes brilhantes e de nomes bárbaros.

Agora triunfara a república. Aquilo, porém, era apenas uma palavra porque o regabofe do império continuava e a populaça voltaria à sua carga.

Pois Courbet, um grande pintor, autor de quadros consagrados, aplaudira, servira, dirigira aqueles ideais e aqueles rebeldes. Courbet seria condenado.

Os olhos perfurantes do capitão Gaveau não o largavam; a voz rija do coronel Mercier continuava a interrogá-lo. Era acusado de ter mandado deitar abaixo a coluna Vendôme, sôbre a qual Napoleão I pompeava. Parecia necessário — o Cezar — áqueles republicanos. Tam-

bém lhe imputavam, a êle que tinha nos seus pinceis a riqueza, o apropriar-se de uns objectos em casa de Thiers e, sobretudo, de usar os títulos de membreda Comuna, isto é de chefe do povo, de grande culpado.

Então o genial artista negava umas cousas mas aceitava outras, e, nos seus olhos luzia um certo orgulho. Citavam as suas palavras numa sessão e parecia contente por tel-as pronunciado com tanto som e côr:

«A Comuna contrai com o movimento revolucionário, político e social, o dever de aceitar todas as responsabilidades e de não declinar nenhuma, por dignas que sejam as mãos a que queiram entregá-las.»

Depois apareciam as suas frases de incitamento:

«Iremos para as nossas «mairies» respectivas e aí tomaremos a parte que nos toca na luta decisiva, em nome dos direitos do povo.»

Ao mesmo tempo defendia os tesouros de arte dos Museus e não se apossava de cousa alguma porque, apesar dos prussianos lhe terem roubado os quadros, na sua casa

de Ornans, ainda se sentia com coragem [para ganhar a sua vida pintando mais obras primas.

Enquanto à coluna Vendôme demolida, o artista apreciava a explicar o acto do revolucionário:

—«Ora... Ela não era mais de que uma reprodução da coluna de Trajano.»

Como se estivesse numa Academia criticava, diante dos militares surpreendidos, o que capitulava de má obra.

O presidente perguntou-lhe, a súbitas, tocado por aquele impeto:

—«Era então o zêlo artístico que o levava a querer mal à coluna?»

—«Sim... Foi isso! Na praça Vendôme a avantesma causava riso. Mandá-la hia para os Inválidos. Era uma recordação militar e não tinha necessidade de ser artística.»

Concluira, e logo o coronel Mercier ordenou:

—«Sente-se, acusado Courbet.»

O homem de génio obedeceu lentamente, com uma ruga funda na testa, indignado ainda contra a falta de arte da coluna Vendôme sôbre a qual o ditador napoleónico merecia os cuidados dos republicanos que o condenavam o Mestre pintor por cumplice da revolta do povo proletário.

Ficava entre Descamps e Parent, um antigo furriel e um revolucionário de carreira, que usara os galões de coronel.

E foi a seu lado que Courbet, revoltado superior, ouviu lêr a sua sentença: «seis meses

de prisão e mil'e quinhentos francos de multa.»

Rochefort foi condenado a degredo para a Noumea. Os militares do novo regime — dizia o panfletário republicano — vingavam nêle os ultrages inflingidos a seu amo, o imperador Napoleão III que os artigos da *Lanterna* tinham ajudado a destronar.

Rocha Martins



Um quadro de Courbet — Proudhon e seus filhos

MADRID CONTEMPORANEA

A CIVILIZAÇÃO E AS IDEIAS

Ha titulos que nenhum escritor que conheça a psicologia dos seus leitores deve usar... Entre os titulos condenados, encontra-se este — *impressões de viagem*...

Quem, tendo o espirito bastante inquieto, bastante ansioso de sensações novas, possui a coragem de ler uma chronica que leve a enca-beça-la esse velho, esse sedição titulo — *Impressões de viagem*?

— Que temos nós — dirá o leitor — que o sr. A. ou B. tenha ido a Tokio ou á Besserabia, se tudo o que se podia dizer sobre isso já está dito e redito?

Se se trata dum escritor muito pessoal, ainda se tolera a prosa da sua vida errante, não pelo que ele diz mas pela maneira como o diz;

não pelo que ele, como estrangeiro, sente, mas pela maneira como o sente...

E assim mesmo, só os seus admiradores, aqueles que seguem todos os voos da sua pena e se debruçam sobre todos os estados da sua sensibilidade, o lerão sem fastio...

...Foi com esta teoria que eu desembarquei em Madrid. Escrever sobre Madrid para quê? Se tudo já estava escrito! E não tinha a minha pena uma obra mais profunda, mais duradoura, mais inedita, a tenta-la?

Do que eu me olvidara, porem, é que as cidades evoluem como o homem, as cidades de ontem não são como as de hoje, ha sempre qualquer coisa que morre e outra que nasce todos os anos nas cidades, assim como o ho-

mem, á medida que vai avançando na vida, vai conduzindo em si muitas coisas mortas dum outro homem que ele foi e vai tambem assistindo ao nascimento dum terceiro homem que ele ha-de ser...

Madrid, pois, essa Madrid admiravel que eu vi ha algumas semanas apenas, não é a que os meus camaradas do passado, mesmo de ha dez anos, surpreenderam e fixaram em suas cronicas e em seus livros.

Madrid hoje é uma cidade que vai perdendo esse monotono e negro aspecto das cidades ibericas; Madrid hoje mantem entre si propria uma grande luta, porque a parte moderna vai caminhando triunfalmente, esmagadoramente, sobre a parte antiga, sobre a tradiçao, sobre a vetuste...

Surgem as amplas avenidas, os predios em que ha o espirito intencional—e a vida exterior, cheia de vibraçao, de movimento, já nos dá uma ideia da Europa—da Europa no sentido de civilizaçao em que é tomada, dessa Europa de que Portugal só geograficamente faz parte...

...E nós ficamos então a pensar sobre esse paradoxo que é um povo tão integrado já na vanguarda da civilizaçao, ter os touros, como nós, pior ainda do que nós, e ter a pena de morte, como a França, que se diz detentora da Liberdade e conquistadora de todas as regalias avançadas...

Essas antiteses entristecem-me enchem-me muitas vezes, de angustia, e sufoca-me de coaçao, quando leio nos jornais a noticia de que mais um homem vai ser garrotado em Barcelona.

Em Madrid não ha convulsões sociais, não ha movimento fabril—não ha, enfim, as grandes e revoltadas legiões operarias.

Os grupos situados na vanguarda são redu-

sidissimos e a unica força ali organizada é o partido socialista, mas este mesmo, senão colabora com o governo, não lhe é tambem francamente hostil.

Em Madrid não ha movimento social, esse movimento que vibra, que freme, em outras cidades de Espanha; o que ha em Madrid é um movimento de civilizaçao, á margem das ideias. E esse, sim, é importante.

Uma rajada de espirito moderno sacode os alicerces da cidade, e dos escombros faz surgir



Praça de Castelar e o Palacio dos Correios em Madrid

uma cidade nova—uma cidade com novas *toilettes*, com novas perspectivas.

Em Madrid parece-nos impossivel que em Lisboa alguns individuos tivessem protestado contra o asfaltamento das ruas da cidade—e isto por amor «às pedrinhas da calçada»!

Ha tambem em Madrid uma coisa que não se olvida, um sentimento que torna inesquecivel a nossa estada ali. É a cordialidade espanhola. Essa cordialidade que não se encontra nas grandes cidades cosmopolitas—e mui pouco cosmopolita Madrid é—, nem nas pequenas silenciosas cidade provincianas dos outros paises.

Chega-se a Madrid e tem-se a sensaçao de que já se habita ali ha muito tempo, tantas são as mãos que se nos estendem para um aperto amigavel, tantas são as bocas que nos sorriem e nos falam familiarmente, como se nos conhecessem de ha muito... Isso torna a Madrid contemporanea uma das cidades mais amáveis do mundo.

F. de C.



Madrid—La Glorieta de los Cuatro Caminos com a fonte da Puerta del Sol.

NOVAS SÉDES DE SINDICATOS

A DOS MARINHEIROS E MOÇOS DA MARINHA
MERCANTE E A DOS PROFISSIONAIS DA IM-
PRENSA DE LISBOA

E' já frequente deparar-se na imprensa com a noticia de inauguração de sedes associativas proprias, das classes que trabalham. Ao silencio impenetravel de longos anos succedeu felizmente uma serie de locais dando conta da instalação definitiva de colectividades, obedecendo essa instalação ás indispensaveis condições de higiene e de conforto.

Durante muito tempo o movimento associativo reduziu-se a platonicas afirmações doutrinarias, e raramente a noção do pratico e o sentido moderno vieram coroar todas essas tentativas visantes a um presente de mais vantajosas condições e a um futuro de dias mais risonhos.

O ambiente associativo pesava lugubrememente sobre todos, nem o sorriso duma flor, nem o ensinamento duma biblioteca discreta, nem o aconchego dum mobiliario modesto mas acolhedor. Era desolante esse meio, de mesas carunchosas, de paredes rasgadas de fendas importunas, de tetos engalanados pelintramente por teias de aranhas vigilantes que se empoleiravam numa indescrição e curiosidade de velhas desdentadas, especie de aves agoirentas que se contrafazem com o prazer dos outros. O operario colocado a dentro dessas paredes repugnantes, nem podia com vantagem levantar alto a



Fachada da nova sede propria da Associação dos Marinheiros e Moços, á Calçada Castelo Branco Saraiva

sua voz limpida de sinceridade, trovejante de indignação, esperançada de liberdade ampla e de fraternidade consoladora!

Hoje já assim não é. Não podem ser privi-



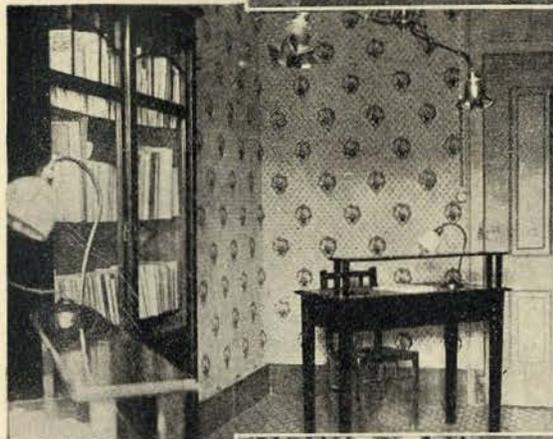
Parte da Assistencia á festa da inauguração da nova sede dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante

legio de ricos o conforto, a comodidade, a alegria duma casa onde a vida se passa em comum, numa ansia de beleza moral e de perfeição máxima.

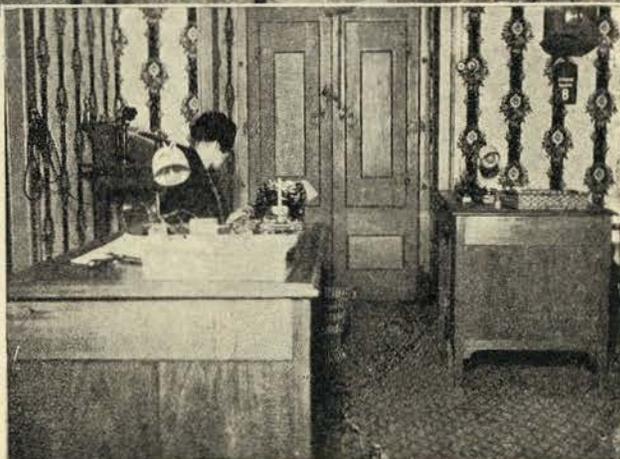
Não é hoje já raro o orgulho legítimo que patenteiam algumas classes produtoras na posse duma instalação adequada aos seus fins e na qual se não asfixia sob um travejamento cheio de bolor, nem os associados se acotovelam num desejo legítimo de achar lugar. A tudo isto junta-se tam-

sedes, no Campo de Santa Clara e na Calçada da Graça, e prodigalizando-lhes um acariciante conforto que dá até aprazimento aos que even-

tualmente se acolhem áqueles edificios confortavelmente mobilados, e em que mãos providenciais e delicadas põem notas alegres de elegancia e de bem estar. A higiene alia-se ao arranjo, á franqueza das acomodações, á sinceridade dos frequentadores e lá se está e de lá se sai encantado, com os



bem, não diremos uma sumptuosidade de que burgueses são detentores, mas um aninhado bem estar que convida á persistencia, ao amôr pela luta reivindicadora, á demora carinhosa num convívio persistente que amenisa a existencia, consolida afeições, enraiza afetos novos, desperta costumes severos e acorda emoções francas e duradoiras. Aparte uma ou outra tentativa desta ordem, pode-se afirmar que foi o pessoal dos arsenais que abriu brecha neste marasmo lastimavel, abrindo aos seus componentes as suas duas



As novas instalações do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, na Rua do Loreto, 13, 2.º: Sala de fumo; Biblioteca e sala de redacção; Salão de recepção e da Assembleia Geral; Secretaria

olhos a contar do conforto que se experimenta, do prazer que assalta todos os que travaram conhecimento com essas instalações modelares.

Uma associação de classe tem naturalmente que proporcionar aos seus associados todo o poder de atracção indispensavel a captar a sua atenção, a alimentar o seu interesse, a desenvol-

ver no seu animo o gosto pela vida de confraternisação de classes, para que as mãos se dêem, para que os olhares se confundam na mesma mirada de justiça, para que, numa

palavra, o trabalhador conscio da sua força, senhor dos seus direitos, compenetrado da sua força e da sua razão, possa andar bem seguro dos seus passos, em busca do momento em que lhe seja dada a satisfação legitima das suas aspirações.

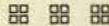
Deixaram já muitas associações de classe de ter o ar soturno que ao proprio operario obrigava a ensandecer o espirito atirando-o para meios de prazer facil que só lhe traziam o prejuizo da alma e do corpo.

Já é vulgar vêr sobre mesas de corte sobrio e elegante, ilustrações, revistas, jornais, tudo que pode constituir um aperitivo de sã leitura. Solitarios esbeltos suportam com graciosidade ramos de cravos, glicinias frescas que purificam o ambiente e palpitam de côres alegres. Já em estantes de boa madeira se alinham livros de bons autores, enciclopedias de utilidade indiscutível, manuais de instrução profissional o mais moderno. As estatuetas, os bibelots, os tapetes veem completar o conforto incontestavel, atraindo, prendendo.

Agora mesmo mais duas sedes associativas veem ajudar a essa dignificação do meio cole-

tivo-proletario: a dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante e a do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa. Sedes proprias, com todo o esplendor da sua independência, com todo o mimo do seu recheio, elas veem enfileirar entre as melhores com que já pode contar a classe trabalhadora.

O organismo maximo do operariado — a Confederação Geral do Trabalho —, o Sindicato da Construção Civil estão atualmente dotados, — como ainda havemos de graficamente documentar — não diremos com uma instalação *soignée*, mas pelo menos com *apartements* discretos, alegres, aconchegados, bem de harmonia com o seu caracter, com a sua missão, e oxalá não se façam demorar no mesmo sentido as classes operarias que a esse *desideratum* não poderam chegar, ou por inercia ou por insuficiencia de orientadores, ou ainda e principalmente porque os seus cofres não atingiram ainda a possibilidade para tal. Não será difficil ir até onde outros já teem ido, desde que as classes trabalhadoras tenham a compreensão nitida dos seus deveres associativos e da sua importancia como classe.



O INVERNO E OS PESCADORES

Quem, no tepido ambiente dum salão burguês, onde existe todo o conforto moderno, se recordará, nestes dias inclementes de inverno, desses homens que vivem á margem do mar, sob um tecto onde a ventania vem rugir sinistras ameaças e dentro dum casinhoto até onde, por vezes, as proprias ondas sobem, em altas cachoeiras, colericas, destruidoras, tragicas?

Quem, dos que vivem na cidade, dos que vivem sem dôr, sem sacrificio, daqueles que arrastam uma existencia faustosa por *soirées* elegantes, por chás mundanos, entre automóveis e pelissas, se recordará desses pescadores que talvez

a essa mesma hora, e em plena impiedade invernal, se debatem com a fome ou com esse inimigo implacavel que eles supõem dominar, mas que vive sempre a espiar o momento de roubar-lhes a vida?

Quem pensará no drama dos pescadores nestes dias nublados e melancólicos de inverno,

em que o mar tem bramidos ferozes e em que a natureza, desnuda, se encontra estarecida?

O pescador tem no inverno a sorte da cigarra da fabula, embora soffresse no verão o calvario da formiga...

Entre dois extremos, no inverno, oscila a sua vida; — ou a

fome, na cabana onde ha mulher e filhos, e lamentos e frio a trespassar tudo, ou o perigo, o desafio á morte, lá onde parecem mais asuis as ondas, lá donde se perde a linha negra da terra...

E o mar é mais avaro neste tempo, mais temivel, mais orgulhoso, como se se quizesse vingar dessa fraqueza que é a sua prodigalidade

de estival. E o barco dos que o afrontam, é como essas penas mui leves que soltamos desde a janela e que, uma vez dominadas pela brisa, não sabemos para onde vão, não sabemos onde irão cair... Mas é preciso conquistar algumas migalhas de pão, é preciso viver, mesmo que seja necessario desafiar a morte.



Esperando o regresso

E eles lá partem para a incerteza, nessa hora incerta que bem pode ser a hora ultima...

A' porta do casinhoto e depois na praia, as mulheres, rodeadas pelos filhos aguardam, aguardam sempre — nos olhos o panico, no coração o estarecimento e nos labios preces a um deus em quem elas debalde creem, a um deus que elas supõem justo, quando justas são elas, que até lhe perdoam que ele lhes deixe morrer os maridos no momento em que disputam, entre as fauces liquidas do monstro, um miseravel pedaço de pão...

A's vezes o barco funde-se na longitude, apaga-se sobre o dorso das vagas — a velha ameaça consuma-se, dá-se o logar comum no destino dos pescadores... Só dias depois ha destroços, longe do ponto de partida, em logar até onde os pés se cansam em ir...

Entretanto, a essa mesma hora, os que enriqueceram no verão com o trabalho dos pescadores, passeiam na cidade com as familias, fazem vida opulenta — fazem a epoca dos teatros, a epoca elegante...

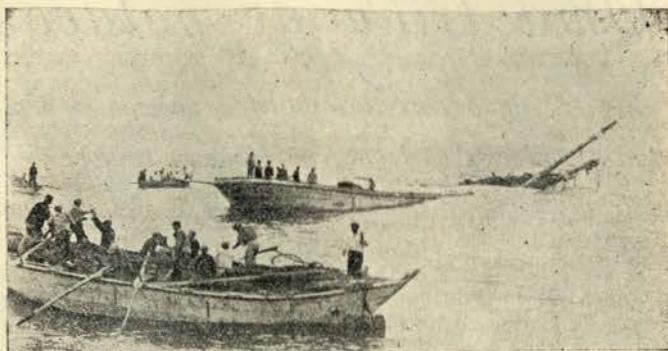
E nos dias que chove?

Quando a chuva cai, monotonamente, dias e dias seguidos?

Dias em que falta pão, dias em que falta lume, porque não ha lume verdadeiro quando não ha pão? Dias em que é inutil até desafiar a morte? Dias em que a fome se aproxima denodadamente — e impassivelmente se tem de suportar seu frigido contacto?



Barco de pesca



Barco em perigo

E os ouvidos, impavidos ante os rugidos do mar, comovem-se e desesperam-se ante o timido chorar das crianças...

...E chove sempre. A morte, então, não tem importancia...

Que importa que o mar erga mais alto a crista das suas vagas, que importa que êle abra de instante a instante as suas fauces tragicas, para devorar os mais intrépidos, se nêle está o pão para os filhos dos pescadores, se nêle está o lenço de espuma que hade enxugar essas lagrimas que correm, sob a egide da fome, pelo rosto convulso das creanças?

Que importa, se a terra lhes nega o pão que lhes falta, a vida a que êles teem direito?

E desesperam-se vendo que a chuva não termina, que persiste sempre — como se quizesse eternizar aquela tortura, aqueles lamentos, aquele frio que trespassa tudo...

Mas a essa mesma hora os grandes industriais de pescarias, de conserva, gosam o produto do verão — em casas com todos os requintes de conforto, em casas onde lhes é agradável, sentados num comodo *maple* e fumando um bom charuto, escutar o ruido que a chuva faz nos vidros da janela...

Ferreira de Assis

Uma tribo de polacos caldeireiros

Alguns aspectos da vida nomada. — Um chefe que é um autêntico soberano. — Hábitos e costumes. — Opiniões insuspeitas. Uma indústria rudimentar. — As vantagens do trabalho livre.

A vida nomada, a vida dos que erram na esperança de um melhor porvir não é a vida ericada de belesa espiritual que o romantismo incensa. A vida dos que não tem pátria, dos que vivem uma existência á margem das convenções sociais da civilização contemporânea ainda é a vida primitiva, a vida pros-crita do conforto e comodidade que a sciencia descobriu e os nossos habitos já não prescindem.

A confirmação as-sás do que afirmamos pode encontrar-se atus-cultando o viver da-que-la tribo de polacos caldeireiros que acampou na Quinta de Fer-

ro, situada no vértice da Avenida Cinco de Outubro. Alguns vinculos do estado selvagem estão nitidamente fixados nos habitos e costumes dos habitantes desse pequenino mundo em ebulição no ventre duma cidade que tem em exercicio algumas regras da moderna civilização.

Penetremos um pouco nesse bizarro acampamento. O seu chefe Mickel Kwik, um homem espaduado, barba hirsuta, gestos elegantes, vem receber-nos á entrada. Não fala o francês, não fala o alemão, não fala o italiano. Fala um dia-lecto especial, um mes-clado de varias línguas.



Polacas lavando a roupa



Grupo de crianças da tribo



Um aspecto do acampamento

— Monsieur de gazeta? — inquiriu.

— Sim — respondemos.

— Portugal ser bonito. Bone clima. Bone persone...

E o soberano daquele reinado devagava sem cessar, cantando as belesas naturais da pátria de Camões, exalçando a afabilidade dos portugueses, tecendo encómios ao cavalheirismo das pessoas com quem relacionaram em Portugal.

Já no interior do acampamento o cenário sofreu uma mutação grande. Agora é a improvisada oficina de caldeireiro de cobre, com a sua forja primitiva, armada em pleno acampamento. Um homem forte, auxiliado por uma das mulheres da tribo, procede a uma reparação dum grande caldeiro. Depois são as cinco baracas, pobremmente revestidas de lona, onde a agua entra e sai deixando-as inundadas. No interior desses miseraveis tugurios as mulheres lavam a roupa em bacias de cobre, fumam como os homens, remendam e lêem a *buena dicha* ao cavalheiro que se aproxime da vivenda.

A tribo compõe-se de 42 pessoas: homens, mulheres e crianças. Os homens são oriundos da Polónia e dedicam-se á profissão de caldeireiros de cobre. Ao serviço da tribo estão alguns operarios portugueses, os quais falam pela boca daquele que nos disse:

— Os polacos são muito boas pessoas. Temos menos que dizer deles do que de alguns patrões portugueses, á ordem dos quais trabalhamos.

— Qual é o regime de trabalho?

— Trabalhamos todos de empreitada. Por cada peça de obra recebemos a importancia de X. Durante a execução do trabalho os polacos nada nos dizem. Nós é que dirigimos o trabalho.

Faltava conhecer como conseguiu a tribo de polacos trabalhar em Portugal e quem a abonava perante as entidades fornecedoras. Foi ainda o mesmo operario que nos elucidou:

— Os polacos não têm mais trabalho porque não querem. O Estado e algumas empresas particulares dar-lhe-iam todo o trabalho que eles quizessem.

— Pode explicar-nos a razão?

— Além de admiraveis qualidades profissionais, os polacos são duma exemplar probidade que se impõe ao respeito de todos.

— Pode ainda dizer-nos quem os abona?

— Abonam-se eles proprios!

— Como assim?

— Eu lhe explico. Os polacos são detentores de grandes reservas de ouro. Quando oferecem os seus préstimos, o chefe entrega á entidade que encomenda trabalho uma importancia em ouro, superior em valia aos objectos que lhe são confiados para restaurar.

— E o chefe não se encarrega do fabrico de caldeiros?

— Não, meu caro senhor. As condições industriais desta improvisada oficina não permitem um cometimento dessa responsabilidade.

«Como vê, aqui tudo é muito rudimentar, desde o viver desta gente até á sua oficina.

Mickel Kwick seguia atento a narrativa do seu operário. Agora é ele que nos acompanha até á extremidade do acampamento onde só se vêem barracas, caldeiras, chapas de ferro e uma dezena de andrajosas crianças olhando-nos desdenhosamente, lançando sobre nós um grande desprezo.

Os trajos destes pequenos sêres, falam por toda a miséria da tribo. Quando nos aproximamos deles, uns sons guturais gritam sua desdita, clamam sua tragédia.

Quizemos ouvir agora o chefe da tribo. Ele é a pessoa mais categorizada para nos falar da recepção que fizeram á tribo em Portugal. Ele é ainda quem nos deve falar das intenções da tribo. Nessa intelligencia ensaiámos um dialeto com que nos pudéssemos fazer explicar:

— Qual é a procedencia da sua tribo?

— Viemos directamente de Italia. Quando sairmos de Portugal iremos para o Brasil.

— Em Lisboa foram bem acolhidos?

— O acolhimento não podia ser mais lisonjeiro. Toda a gente nos tratou como era de esperar de gente educada.

— O Estado tem sido pontual no seu pagamento?

— Todo o trabalho que temos executado tem sido prontamente liquidado, quer pelo Estado, quer pelas emprezas particulares.

Divagámos agora sobre o regime de trabalho da tribo. As palavras de Kwik, o chefe nomada, são duma importância capital.

— Vivemos em perfeito comunismo. Cada um trabalha o que pode e consome o que carece. Quando um dos meus homens está doente, não trabalha. Trabalham os outros enquanto elle se cura.

«Não temos salário estabelecido. Esse principio de retribuição do trabalho produzido, não existe entre nós.

«Não aceitamos qualquer desigualdade de tratamento. Todos somos iguais, todos somos tratados igualmente.

— Nunca houve desarmonia na tribo?

— Desde que ella está sob a minha chefia, não, senhor. Vivemos aqui no melhor dos mundos. Vivemos aqui um mundo onde não ha ambições a chocar-se, onde todos vivem irmanamente.

Mickel Kwick conduz-nos depois a uma das barracas. As mulheres da tribo — as casadas, de lenço na cabeça, as solteiras, em cabelo, — recebem o seu chefe.

Um samovar sobre uma mesa, quadros pobres dependurados nas paredes, uma pequena lareira aquecendo o aposento, dão uma palida ideia da existencia de miséria daquelle bando errante, daquelle clan que vem da Italia, que vai para a America em demanda dum viver mais feliz...

Fóra do acampamento, quando já tinhamos deixado aquelle pequenino mundo, duas mulheres da tribo, com seus trajos bizarros e suas expressões desregradadas, vêm ainda pedir-nos:

— Dai um cigarrette?

Alfredo Marques

A cidade dos ricos e a cidade dos miseraveis

OS CONTRASTES DE LISBOA — AVENIDAS E BECOS, PALACIOS E CASEBRES DE LATA

O TIO HEITOR — UMA VOLTA POR MARVILA — OS QUE VIVEM Á MARGEM DA VIDA

Dentro de Lisboa ha, pelo menos, duas grandes cidades, duas cidades que dia a dia se vão edificando, paralelamente uma á outra, sem que ninguem dê por isso, sem que se tenha reparado até agora no seu flagrante contraste.

Uma, alarga para os arredores, cria novas condições de vida, invade as antigas hortas; e em grandes edificios, formando arruamentos monumentais, dir-se-hia a cidade do prazer, do luxo, onde a comodidade atinge uma suntuosidade atoadora, irritante.

E' a cidade do dinheiro, é a cidade em cujos caboucos se escondeu o oiro da guerra, o oiro das tremendas especulações, a cidade que já não cabe em si, e alastra numa invasão que não se detem ante nenhum obstaculo.

A outra — ah! a outra! — é a cidade, nova também, dos miseraveis que igualmente aumenta-

ram, dos miseraveis que também já não cabem na cidade antiga, e vão edificar os seus bairros, numa improvisação de naufragos, abandonados de todo o socorro, de toda a convivencia, de todo o contacto com a vida humana.

São duas cidades paralelas, edificadas ambas nos ultimos tempos, possuindo caracteristicos inteiramente novos.

A cidade dos ricos criou novas avenidas. A cidade dos pobres, novos arruamentos. Numa, uma sucessão de palacios, noutra, um aglomerado de pardineiros, escondidos entre a imundicie, desfarçados sob um aspecto de recente derrocada.

Numa, um edificio monumental, noutra o acampamento improvisado com barracas de cães, com taboados de estabulos.

E' assim mesmo.

Quem passar em muitos desses bairros novos desta cidade horrível de miseráveis, terá visto, aqui e além, espalhados ou numa aglomeração de ruína, uns casinhotos baixos, da altura de autênticas capoeiras de galinhas, e passará indiferente supondo tratar-se de tudo, menos de habitações para criaturas humanas.

Pois acerquem-se, e verão emergir dessas barracas, desse aglomerado confuso de taboas e latas velhas amachucadas, uma verdadeira legião de crianças e velhos, como se o chão os estivesse gerando nalguma cova imensa.

Outros, mesmo, moram em covas, abertas no chão, como se poderá vêr em Marvila a dois passos da estação do caminho de ferro.

Vão lá, e perguntem pelo tio Heitor, um pobre velhote, antigo guarda da linha, e que hoje vive de esmolas, escondendo a sua horrorosa miséria num desses casebres.

Vão, e verão, emergindo do solo, barracas, com menos de um metro de altura, onde em vez de se abrigarem cães, vivem, numa promiscuidade de arrepiar, famílias inteiras.

Depois deem a volta á cidade, á antiga cidade



O tio Heitor

pleta do lar ao ar livre, fazem a vida que não cabe nesses horríveis açougues, nesses armazens tenebrosos de parasitas.

E o mais horrível de tudo isto, é que esta cidade, estes arruamentos também teem os seus senhorios. Os miseráveis que assim vegetam, também pagam a sua renda.

E quando alguém se acerca e os interroga, eles mostram uns olhos receosos de criaturas habituadas a viver no escuro, e a não conviverem, como leprosos, e não querem dizer nada, não querem queixar-se, com medo que os expulsem deste inferno e aumentar assim o imenso martírio dos que não teem o menor abrigo, ainda que, como o deles, seja uma cova ou uma barraca onde a cama

toma todo o espaço, e a rua é a continuação desse lar maldito.



Uma família do bairro

e verão mais: em volta, como num abraço de tragica miséria, perto aos cemiterios, proximo das furnas, incrustados em pedreiras, suspensos do abismo, esses inverosiveis arruamentos, de tugurios improvisados com todo o material das grandes derrocadas: um grande tapume, formando uma extensa avenida, esburacado aqui e além, para dar passagem ao ar ou fazer de janelas, e atraz, com divisorias de taboas apodrecidas, colchões e fogareiros assinalam a presença da vida humana, da miseravel, da macabra existencia humana.

Fóra, mulheres e crianças, fazem a vida com-

*A ambição é um cavalo bravo que não deixa de espi-
notear enquanto não consegue desmonrar o seu cavaleiro.*

AMYOT.

*Uma cousa louca e que descobre a nossa pequenez, é
a subservencia às modas quando se trata do que respeita
ao gosto, ao viver, á saude e á consciencia.*

L.A. BRUYERE.

SUPERSTIÇÕES EM PORTUGAL

II

FILOSOFIA DAS ORIGENS. — SIMBOLISMO CATÓLICO

São as superstições populares consideradas pelo próprio povo que as adopta, como cousas sem nexos, princípios e costumes tolos, disparatados, quando não perversos e mal intencionados.

Este conceito é absolutamente erróneo. Na evolução universal não ha um fenómeno, por minimo que seja, que não obedeça a um determinado fim, muitas vezes desconhecido, sem que por isso devamos condenar ou acusar.

Já aludimos a uma das geratrizes da superstição: — o estado infantil ou primitivo do homem, ao sair da animalidade.

Não ha o menor motivo de desdém diante de usos, costumes e tradições supersticiosas que, embora nos pareçam sintomas de demencia, são em muitos casos apenas a sobrevivencia de um antigo ritual por todos nós quasi inteiramente ignorado.

Que idea podemos formar da primitiva religião dos Romanos, anterior ás anexações e conquistas de que eles se foram enriquecendo? Ao submeter os povos vencidos aproveitavam-se-lhes do agiologio e ritual, com que engrandeciam o seu Pantheon.

Relativamente moderno é este facto, e o poeta Ovidio, ao descrever as metamorfoses dos deuses, já os considerava fabulosos.

Tambem Cicero, no seu tratado sobre adivinhação, destino e natureza dos deuses, propõe a supressão de todas essas superstições, a abolição do sistema da consulta aos oráculos, a interpretação do vôo das aves, dos sonhos, etc. Mais tarde o Cristianismo tornou-se a religião official do Império Romano, e os crentes do perseguido paganismo tiveram de simplificar, reduzir, esconder e disfarçar as suas crenças e o seu ritual.

Que sabemos nós da primitiva religião dos Helenos? Só dela temos mais ou menos pormenorizada noticia atravez da Mitologia de Homero que os ultimos gregos da decadencia tambem já reconheciam como invenção e fábula.

Sendo tanta a nossa ignorancia do politeismo Greco-Romano, como do Germânico, Escandinavo e Hindustânico, relativamente modernos, como podemos então julgar das outras religiões muito mais primitivas, anteriores mesmo a toda a Historia, ás quais sempre novas religiões, novos politeismos teem vindo a sobrepor-se?

Forçoso é reconhecer nas superstições um fenómeno capital da sobrevivencia de usos, costumes e crenças já esquecidas, que até nós chegaram obliteradas pelo tempo e até pelas modificações que a evolução universal a tudo imprime, inclusivé ás ideias e princípios.

A memoria dos mais variados e mais diversos estados sociais sobrevive nas superstições, oferecendo-nos ás vezes a revelação de conflito de raças, filões ethnicos ainda desconhecidos, etc.

As transformações sociais que advém da evolução geral, lutam com esta especie de instinto de conservação que nunca permite aos povos esquecer em absoluto e por completo todo o passado de onde vêem.

O instinto da propria conservação é, por assim dizer, o elemento estático ou conservador que modifica e contém os impetus naturais da evolução.

E, porque na natureza nada se perde, tambem a persistencia das superstições desempenha uma função, obrigando o desenvolvimento evolutivo a conter-se dentro do justo meio.

Efectivamente, tão prejudicial e calamitoso seria para o progresso e para a civilização o triunfo incontestado de uma Evolução desenfreada, como a victoria decisiva e

absoluta das Superstições nas suas variadissimas formas e aspectos de tradição, costume e mito.

E assim se explica como elas teem vindo a atravessar os seculos, desde os mais remotos até á actualidade, sempre arquivando e conservando um verdadeiro arsenal de utensilios e ferramentas, designativas do mais variado simbolismo de todos os povos e de todos os tempos.

Os acessórios mais extranhos, por muito exqu岸itos que nos pareçam, quando entram na prática de exorcismos, preconceitos, feitiçaria, bruxedo, esconjuras e adivinhas, tiveram a sua razão de ser, e proveem como elemento estático de religiões antigas e modernas, já desaparecidas ou ainda existentes.

Essa razão, ou se esqueceu para sempre quando desapareceram todos os elementos de investigação, ou aguardam que o folk-lorismo faça luz, coordenando, ligando, explicando e classificando.

Ao observar as superstições no seu conjunto, nota-se que uma grande parte delas vêem repassadas de simbolismo católico e crenças cristãs, e teem quasi sempre grande sabor a religiosidade.

Com effeito, a intervenção da Igreja nas credences populares actuou sobre todas as cousas, desde as mais graves, as que mais rigorosamente podem influir na marcha evolutiva das sociedades, até ás mais frivolas, ás mais insignificantes.

Sempre confiante no acaso que equivale ao imprevisito, ainda hoje o povo repete:

«De hora para hora
Deus melhora.»

Este antigo adágio revela-nos já a influencia do deismo católico no destino das occurencias.

A intervenção da Igreja porem, salienta-se melhor em exemplos quasi infinitos que poderíamos aqui aduzir, se não fóra a escassez de espaço e de tempo para a extensão e importancia destes assuntos.

Daremos alguns como prova dessa intervenção:

O povo português ainda acredita que pôr o pão de pernas para o ar, como vulgarmente se diz, é cousa muito má, porque... chora Nosso Senhor!

E não é menos conhecida a costumeira de beijar o pão que cai no chão, dizendo ao mesmo tempo: — «Pádre, Filho, Espirito Santo».

Ha uma reza que funciona como esconjura para achar cousas perdidas;

«O Diabo esteja aos pés do Santissimo Sacramento a rezar novenas, corôas e rozários; e ha de o rabo morder enquanto o que eu perdi (aqui diz-se o nome da cousa perdida) não apparecer».

Uma outra superstição reedita a crença em dias aziagos e faz a propaganda da confissão auricular católica. — Corre nos seguintes termos:

Quando ha dois irmãos gémios, o mais velho tem o dom de adivinhar, e ás terças e sextas feiras apparece-lhe o Senhor Crucificado... na boca! Não se deve, porem, dizer a ninguem que é o mais velho, enquanto ele não se confessar pela primeira vez, senão... desaparece da familia!»

A Igreja ás vezes aproveitava a ignorancia popular para incutir, sob a forma supersticiosa, costumes de ociosidade. Tal era o caso com esta:

«Desde quarta-feira de Trevas até á hora da Ressurreição de sabado de Aleluia, não se deve secar roupa, porque ela appareceria... com pintas de sangue!»

Tambem o mundo vegetal serviu para incutir o fanatismo religioso. Assim se acreditava e ainda ha quem creia que é pecado queimar oliveira, por ser a árvore onde pousou a pomba quando saiu da Arca. E não é menos agoirente queimar trovisco, por ter sido a planta onde Nossa Senhora enxugou os panos do menino Jesus!

Na sua obra de bestificação, a Igreja proveitou-se da credence popular para a criação de uma terapeutica com que por seu intermédio podiam tratar-se todas e quaisquer doenças.

Para curar a epilepsia, no entender dos Doutores da Igreja e na credence popular, basta medir a altura do epiléptico com uma cana que na noite do Natal deve pôr-se por detraz do altar do menino Jesus.

E tanto basta para a terrivel enfermidade desaparecer!

As dôres de cabeça curam-se facilmente com as drogas eclesiasticas condimentadas pelo fanatismo. E' sufficiente, por exemplo, comer cinco bagos de uva quando levanta a deus na missa do Natal, para se ficar livre de enxaquecas durante todo o ano que está para começar!

Tambem se julga eficaz meter no cabelo uma rosa

de Jericó, apanhada na noite de S. João, das onze para a meia noite, e deixada ao relento!

Por diante não iremos com exemplos.

A Igreja influíu directa e propositadamente na modificação das superstições, pondo-as em seu proveito, desde o alvorecer do Cristianismo até ao seculo IV.

Oportunamente veremos porquê e com que fim, bastando por agora ponderar que esta intervenção da Igreja Católica ampliou e modificou todo o maravilhoso das superstições, dando na interpretação ao canto e vôo das aves, ao espirito, dias fastos e nefastos, mascaradas, romarias aos cemitérios, festejos pelo solstício, orações, rezas, cabalísticas, culto das aguas, das fontes, votos, pragas, escapulários, dansas misteriosas e secretas, sacrificios funerários, talismans, encantos, etc.

Ladimau Patath

VIDAS AGITADAS

HOMENS E FACTOS

FERDINANDO LASSALLE

Foi celebrado em 11 de abril do ano proximo passado o centenário do nascimento do grande tribuno socialista alemão Ferdinando Lassalle.

Lassalle está um pouco esquecido, e tão esquecido que o seu centenário passou despercebido entre nós. Tal esquecimento é injusto. Se o seu pensamento penetrou menos profundamente que o de Marx nas massas operárias, se em certos pontos não cogrou o mesmo poder de penetração e não saiu quasi da Alemanha, teve no Outro Rheno, e durante todo um período, uma singular força de agitação.

Os seus discursos galvanizaram as multidões. Era o verdadeiro tipo de orador de reuniões públicas, e era única a sua capacidade de organização. Foi Lassalle quem fundou, em 1865, a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, de onde saiu a Social-Democracia-Germanica.



Ferdinando Lassalle

A sua actividade foi sem limites. A conferência sobre o «Progresso Operário» em 1862, marcou uma data, ligou o seu nome à formula célebre da *lei de bronze* dos salários, que tão discutida foi depois.

E' curioso o facto de em parte alguma as organizações socialistas terem dado a Lassalle uma recordação digna d'ele.

Coisa estranha: é menos conhecido das jovens gerações pelo esforço intelectual que deu, do que pelo romantismo da sua vida e da sua morte.

A existência de Lassalle foi bem toda ela a de um homem desta geração. Aos 21 anos conquistou a admiração de Heine, sendo por essa ocasião que se encontrou com a condessa de Hatzfeld, tomando conta do seu processo de divórcio que durante oito anos apaixonou toda a Alemanha.

Em 1848, tomou parte num movimento político, sendo preso e julgado, comparecendo no tribunal de casaca e gravata branca.

Em 1857, publicou dois volumes sobre Hérédito e no ano seguinte deu à estampa um drama histórico: *Franz de Sickingen*, sendo então que começou verdadeiramente a sua campanha de propaganda socialista.

As multidões acompanhavam-no, aclamando-o; milhares de pessoas se comprimiam nas margens do Rheno para o ouvir, levantando-se para a sua passagem arcos de triunfo. Foi esse o momento supremo de excitação e de popularidade, antes do drama.

Encontrara em um salão de Berlim — porque elle frequentava os salões e reuniões populares — *fraulein* de Doenniges, filha dum diplomata bavaro, apaixonando-se um pelo outro.

Helena de Doenniges era requestada por um principe

valaquo, Janko de Racovitza. Lassalle caminhava para a glória. Quando Helena falou em desposar Lassalle, a família enfureceu-se e concedeu a sua mão ao boiardo valaquo.

Em junho de 1864, quando devia dentro de pouco tempo cumprir uma pena de prisão, foi á Suíça descansar. Ali encontrou Helena que o pai sequestrara, mas que conseguiu escapar à vigilância dos seus guardas e foi procurar o que considerava seu futuro esposo.

Lassalle foi levá-la à família, esperando assim abrandar a altivez do bavaro, o que não conseguiu.

Pensou então em suicidar-se. Provocou intervenções poderosas junto de Doenniges, dirigindo-se a Ricardo Wagner e ao bispo de Mayence.

Então, recebeu uma carta de Helena que o acusava de tímido. Foi o último golpe.

Lassalle dirigiu uma carta a Doenniges, da qual resultou um duelo com o Janko de Racovitza. Caiu mortalmente ferido nos arredores de Genebra.

Morreu como um herói de romance. O homem que levava atrás de si as multidões acabou miseravelmente num encontro com outro homem que o não valia.

Os que o combatiam não puderam contestar a sua penetração intelectual, o seu génio oratório, a impressão profunda que deixou no proletariado alemão.

Lassalle marca o esforço libertador germanico entre Heine, Rugé, Herwegh e Karl Marx.

A despeito dos pormenores da sua vida, ficou como um dos grandes pioneiros da democracia social.

No «Almanack Cosmopolita para 1900», publicado em Lisboa, lê-se sobre Lassalle:

«Fez-se campeão do socialismo em 1862. Considerado como um messias, um novo Cristo, chegou a ter um verdadeiro culto entre os seus aderentes; e todavia, nota um dos seus discipulos, se tivesse vivido conseqüente com as suas doutrinas, não morreria em duelo, como um aventureiro.

«Lassalle não revelou verdades novas. Não fez mais que vulgarizar as ideias de Blanc, Proudhon, Rodbertus e, sobretudo, de Marx. Mas, dotado duma eloquência poderosa e fascinadora, com a ardençia da sua palavra e da sua pena, tirou das regiões da filantropia e das sombras dos

livros a doutrina socialista, e lançou-a como uma arma de guerra na praça publica e nas oficinas.

«O operario, dizia, deve obter todo o produto do seu trabalho. Mas, no regime actual, ele não pode melhorar a sua sorte pelo esforço proprio, por que a isso se opõe «a lei de bronze» do salario, isto é, porque sob a acção da oferta e da procura o seu salario medio é reduzido ao minimo indispensavel para subsistir. Por outro lado, as relações entre o capitalista e o operario não são perfeitamente equitativas, porque o contracto que as estabelece é um contracto livre apenas na apparencia: o operario que não consegue empregar os seus braços, é forçado pela fome a aluga-los pelo preço que queiram dar-lhe. Faça-se, pois que o capital e o trabalho vivam de acordo, para o que ha um meio facil — a sua reunião nas mesmas mãos, ou seja a cooperativa de produção.»

O duelo a que uma aventura amorosa o levou, criou-lhe algumas antipatias: Daí a forma diversa como Lassalle é apreciado. Mas não será já tempo de se lhe fazer justiça? Os espiritos generosos já lh'a estão fazendo.

No Almanaque de 1915 do periodico anarquista argentino *La Antorcha* lemos a proposito deste propagandista tão mal compreendido:

«No seu berço, as boas fadas congregaram-se para o cumular de dons. A beleza, o valor, a riqueza, o entusiasmo, a eloquencia, o saber, nem uma só das prendas físicas e morais, nem um só dos bens materiais faltavam a este homem.

«Um dia lançou-se á propaganda e á organização, e bem depressa a sua palavra de fogo, sua actividade, seu atractivo, sua força culta e impetuosa juntaram em sua volta a Alemanha trabalhadora e o seu influxo irradiou esplendido em outros países.

«Apaixonado e correspondido, morreu num romantico desafio, e o seu cadaver desceu pelo Rheno até Colonia, atravessando depois toda a Alemanha, sendo este transitio dos seus restos mortais até Breslavia como não poudesonha-lo rei, imperador nem conquistador algum.

«Ah! Quão poucos imitadores tem sido este homem illustre e generoso, entre os favorecidos — como ele — da sorte, da fortuna e do saber.»

UMA FESTA ASSOCIATIVA



Decorreu no meio de grande entusiasmo e por entre vivas á organização operaria internacional, á Batalha e á C. G. T. a festa com que os Trabalhadores do Trafego do Porto de Lisboa comemoraram o 2.º anniversario do seu sindicato, e á qual assistiram representantes de numerosos organismos.

A SOMBRA

CONTO DE EDUARDO FRIAS

Há muito tempo que ando seguindo carinhosamente, a sua sombra, para saber como ele vive, para prescrutar um pouco a sua história...

Adivinho a sua grande tragédia, evoco todo o cenário da sua dor, e pouco mais adiante, pouco mais sei...

Os seus lamentos confundem-se com o vento, com o fragor das grandes tempestades, com o torvelinho do trabalho insano oculto na penumbra de fantásticas oficinas.

Por toda a parte procuro indício da sua passagem, da sua existência. Às vezes, um silvo longínquo dum locomotiva, o grito desesperado dum sereia pedindo socorro sobre as ondas encapeladas, parece-me a sua voz, figura-se-me a sua posição, a querer quebrar o seu anonimato...

Tudo é inútil! Nada mais adiante. Só me fica do seu apelo um eco perdido do comboio que marcha, ou do barco que se afunda. Nada mais!

E, no entanto, eu presinto a sua existência bem próximo de mim. Ele vive em permanente contacto connosco e não sabemos vê-lo.

Sinto que a dor espalhada pelo mundo, é ele que a suporta, ele que a arrasta a ocultas, escondendo, com o misterio da sua vida, um tenebroso drama, talvez o maior drama da Humanidade.

Mas como poderemos apreendê-lo, se ele vive uma outra vida, uma vida que não tem a lógica da nossa, como se pertencesse a uma outra espécie, com outra linguagem, outra configuração.

Ele só deixa ver, ainda para aqueles que mais tentam desvendá-lo, a sua sombra, a sua formidável sombra.

E a história da sua vida é a história dessa sombra, um pouco de atenção, um pouco de memória, e todos a temos visto deslizar ao longo das paredes, como o próprio rasto da tragédia, roçando a vida dos que levam um destino, dos que ainda tem na alma uma pequena ambição.

Para onde vai aquela sombra? A quem pertence?

Quem a seguiu uma vez terá visto que ela se perde nas entranhas de um barco, que ela é como um farrapo de treva, em forma humana, e que faz parte do fogo, da chama crepitante que incendeia as caldeiras e faz mover todo o tráfego marítimo que envolve o mundo...

Outras vezes, a sombra vai esconder-se nas profundidades obscuras das minas, e ante a cratera enorme que vomita o caudal imenso do precioso minério, ninguém se atreve a procurar o misterio sombrio da sua vida fantástica.

E a sombra passa, desliza continuamente e um dia ela aparece em toda a sua terrível grandeza, em toda a sua pungente realidade.

Uma explosão na mina expulsou violentamente a sombra misteriosa que lá costumava esconder-se do mundo.

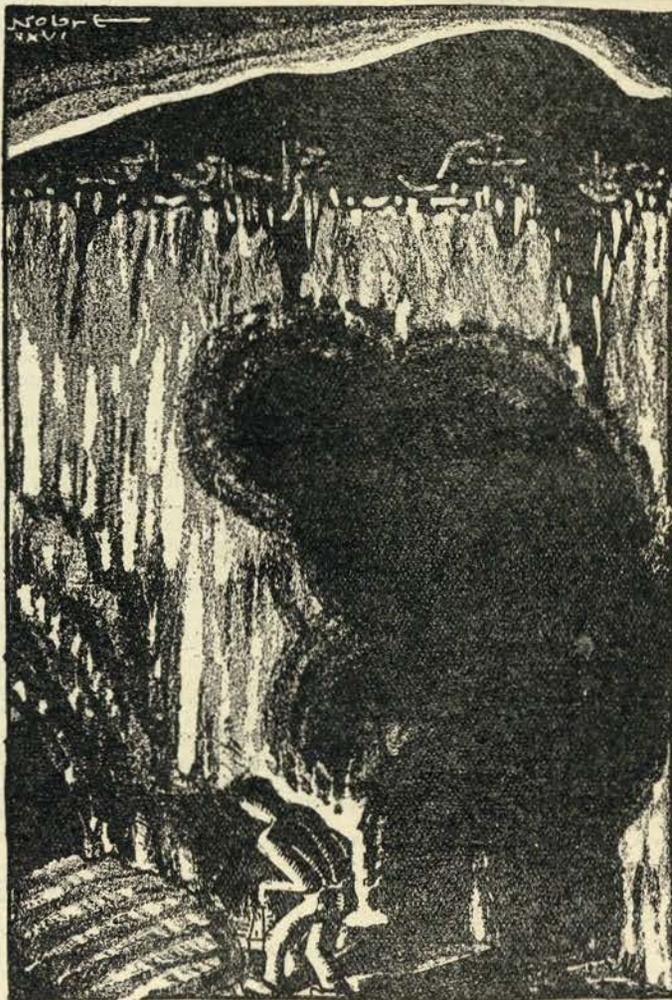
Ao rumor da terra encolerizada corremos todos. E' agora... E' agora que vamos conhecer, que vamos ver a sombra na sua forma humana.

Nada! Não podemos ver nada. A sombra ficará eternamente ignorada. A explosão desfigurou-a, despedaçando-lhe a carne, reduziu-a a um informe montão de fragmentos em que os ossos, os músculos, amassados em sangue, se confundem com a terra deslocada...

Quem era afinal?

Não importa. Ele era e é imortal. Não tem uma vida como a nossa. Não tem a sua vida uma lógica que a torne compreensível, como a vida que todos nós fazemos.

Voltamos a vê-lo, deslizando ao longo das paredes, revelando apenas a sua sombra, sem que saibamos mais nada da sua vida, sem que saibamos se é a miséria que se esconde, se o trabalho que se perde no anonimato. Não sabemos nada. E' uma sombra, eis tudo.



A sombra misteriosa

Nunca sabemos onde começa, onde acaba, se é uma só, se são muitas. Se é a sombra dum hercules, partido em mil pedaços moveis, se as sombras de uma legião.

E' mais lógico admitir a existência da sombra de uma legião, visto que tantos são os corpos das sombras que morrem ignorados, escondidos, no fundo lobrego dos calabouços, ou nas profundidades das minas e dos barcos.

Mas como admitir também que essas sombras constituam legião, legião imensa, e não se dê por ela, ao ponto de ela trabalhar, esmolar, morrer, sem nos apercevermos da sua existência?

E então aparece a sombra como um gigante occulto, como um tintan da treva, passando ignoradamente, a agitar o mundo com a sua actividade e a sua dôr

Aparece-nos finalmente a sombra, como um deus de

força, promovendo a vida, o movimento, desde a penumbra, na luta com os elementos, arrancando o mistério ás entranhas da terra, até transforma-lo em fumo, na gigantesca actividade do vapor e da electricidade.

Eis a sombra, a grande sombra, nas suas manifestações.

Mas verdadeiramente, quem é? Qual a sua história? E' só isto: Uma sombra que desliza, a sombra de um corpo que não sabemos quem é, de um homem ou de um gigante de quem ninguem quere saber o nome, nem a acção, nem a espantosa tragédia.

Eduardo Faria

O MUNDO CURIOSO

A arte dos doidos

Em Heidelberg acabam de coordenar-se os trabalhos artisticos dos loucos tratados pela clinica psiquiátrica. Não se trata de produções executadas por artistas que enlouqueceram mas de trabalhos de individuos que já depois de mentalmente alienados se dedicaram a qualquer ramo artistico. Uma grande casa editora tem no prelo um album reproduzindo desenhos, baixos relevos e esculturas executadas por doidos. O dr. Prinzhorn, afamado critico de arte, afirma num estudo que prefacia o album que os trabalhos reproduzidos poderiam figurar em qualquer exposição. Enquanto os doidos fazem arte desta aceitavel maneira, muitos dos artistas tidos por ajudados parece que porfiam em escangalhar-nos o miolo.

O paraíso dos escritores

A Dinamarca, que se encontra na vanguarda dos outros países no respeitante a obras e instituições sociais, possui 320 jornais diários com uma tiragem total de mais de um milhão de exemplares para uma população que quasi não ultrapassa tres milhões e meio de habitantes. Mas ainda não é tudo, porque, a par disto, tem 750 revistas e publicações semanais ou mensais, sem contar os jornais satíricos ou mundanos. Isto prova que ha um jornal para três habitantes, o que representa um numero de leitores superior ao dos cidadãos de Portugal continental e colonial que sabem ler. Sem contestação, a Dinamarca possui um belo record.

Para ter bom marido...

No Alto Vienne realisa-se todos os anos uma cerimonia deveras pitoresca. No dia de Santo Eutropio todas as raparigas do lugar se dirigem professionalmente para uma cruz que existe junto da igreja em Saint-Junieroles-Gombes, e ali se aproximam um pouco da cruz na qual penduram a liga da perna esquerda e rezam para que o céu lhes conceda um bom marido.

A cruz está literalmente coberta de ligas e, vista de longe, parece mostrar-se coberta de flores.

A cal e a tuberculose

O professor H. Couitière communicou á Academia de Medicina uma série interessante de observações sobre o papel desempenhado pela cal como preventivo contra a terrível tuberculose.

Tendo verificado que a tuberculose era rara nas regiões onde existiam fornos de cal, começou a tratar os

doentes com inalações de cal pulverizada e anidrido carbónico, obtendo os melhores resultados.

Mais tarde, averiguou que os operários empregados nos fornos de cal se tornavam imunes.

Os drs. Rénou e Bordenaul verificaram posteriormente que, na região de Vermenton, a tuberculose começou a diminuir desde que ali se iniciou a exploração da cal.

O dr. Sigot, director do Sanatório de Enval e do dispensário anti-tuberculoso, informou-o que nunca lhe fôra mandado nenhum doente da comuna de Jose, onde existem numerosos fornos de cal.

Já em 1888, na Bohemia, os drs. Haiter e Grab tinham feito idêntica observação em duas pequenas povoações perto de Praga.

Partindo destas experiências, lançou o dr. Couitière a idea de constituir uma atmosfera semelhante á que envolve os fornos de cal para que nela respirassem os tuberculosos.

A atmosfera junto dos fornos de cal varia com as fases da fabricação, podendo, todavia, caracterizar-se pelos seguintes pontos essenciaes: é secca e quente, apesar do vapor da água do calcáreo calcinado que se mistura com o ar; é quasi sempre acompanhada duma nuvem de pó da cal viva, que se deposita por toda a parte e que por vezes se torna extremamente densa; é muito rica em anidrido carbónico, gaz pesado que impregna a massa quente, no momento da saída do forno; contém acessorariamente poeiras provenientes do calcáreo não transformado, e diversos gases que emanam do combustível empregado nos fornos.

As primeiras inspirações provocam, por vezes, alguma tosse que desaparece facilmente bem como o sabor acre do alcali, com a lavagem da bóca.

Alguns doentes chegaram a suportar 12 inalações de cinco minutos em cada dia, sem que se lhes notasse qualquer perturbação ou fadiga.

Os resultados obtidos com este tratamento dizem, não somos nós que o dizemos — têm sido constantemente favoráveis, acusando os doentes o desaparecimento dos bacilos, recuperação de forças e peso.

E' bom não experimentar sem consultar o medico.

Padre nosso dos «forças-vivas»

Freguezes nossos, que estais atrazados, equilibrado seja o vosso crédito; venham a nós os vossos cobres; seja feita a vossa vontade assim nas compras como nos preços. O saldo nosso de cada conta nos dá depressa; perdoai as nossas exigencias, assim como nós perdoamos as vossas amolações; não nos deixeis ficar sem pagamento e livrai-nos dos calotes. Amen.



A Confederação Geral do Trabalho e os seus órgãos de propaganda na Imprensa

(Ultima pagina da capa do volume do Almanaque de A BATALHA para 1926, á venda nas livrarias e na administração da RENOVAÇÃO.)

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 "	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	25\$00
Ano	50\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A — LISBOA